

## A ESCRITA DE UMA VIDA: SÃO FRANCISCO DE ASSIS ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO

### WRITING FOR A LIVING: SAINT FRANCIS OF ASSISI BETWEEN HISTORY AND FICTION

Alexandre Francisco SOLANO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Pensar a relação entre história e ficção, por meio da biografia de São Francisco de Assis, escrita pelo estudioso Jacques Le Goff, é a intenção do presente artigo. Nesse sentido, a análise da obra *São Francisco de Assis*, do historiador francês, leva-nos a construir novas possibilidades para uma análise historiográfica, na qual a arte literária tem um papel central. Além disso, faz-se necessário discutir aspectos que tangem a narrativa biográfica e suas diferenças em relação à hagiografia, a escrita dos santos. Da heresia à santidade, encontramos não só o imaginário do homem religioso, como também daqueles que se debruçam para estudá-lo.

**PALAVRAS-CHAVE:** HAGIOGRAFIA, HERESIA, SANTIDADE.

**ABSTRACT:** The intent of this article is to think the relationship between history and literature through the work of Jacques Le Goff, Saint Francis of Assisi. In this sense, the analysis of the work *St. Francis of Assisi*, the French historian, takes us to construct new possibilities for historical analysis, in which the literary arts have a central role. Moreover, it is necessary to discuss issues that concern the biographical narrative and its differences from the hagiography, the writing of saints. From heresy to holiness, we find not only the imagination of the religious man, but also those that look out to study it.

**KEYWORDS:** HAGIOGRAPHY, HERESY, HOLINESS.

“Quantos homens em um homem! Como seria injusto, para essa criatura móvel, estereotipar uma imagem definitiva!”

(Jules Michelet, História da Revolução Francesa)

Cabe ao artista criar coisas belas e resta ao historiador revelar a arte, imprimindo-lhe traços de humanidade, ou melhor, atribuindo, quer seja às artes plásticas quer seja à literatura ou mesmo à arte da guerra, o papel do homem em seu tempo, em um determinado lugar e sob certo

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia e graduado em Letras e História pela mesma. Professor de Letras, Administração e Pedagogia da União Nacional das Instituições do Ensino Superior Privadas (UNIESP), Unidade de Sertãozinho, 14160-000, São Paulo, Brasil, onalos2@ig.com.br.

ponto de vista, edificado em sua escrita. Esse estudioso da história imiscui-se, assim, na face do crítico, que revela aos objetos impressões novas, e confunde-se com o próprio artista, na engenhosidade de sua criação.

Enquanto ao artista é dada a graça de poder exprimir tudo, a virtude do historiador cerca-se de condições de expressão mais restritas, cabendo-lhe caminhos lógicos para analisar determinado período e objeto. O primeiro compõe símbolos de forma livre e arbitrária, seja na música ou na profissão do escritor, e o segundo não deixa de produzir imagens que, mesmo envoltas de sua subjetividade, estão respaldadas em documentos, em métodos de investigação e em referenciais teóricos pré-estabelecidos. É certo que o artista, a exemplo do literato, também pode utilizar-se da pesquisa documental e de procedimentos distantes de sua arte. Todavia, quando disposto a tomar esse caminho, não tem a necessidade de preocupar-se com a rigidez enfrentada no ofício do historiador.

Desse ponto de vista, os historiadores, ao se aproximarem dos artistas, especificamente do escritor de obras literárias, utilizando uma narrativa que se apoia em elementos comuns, como metáforas, metonímias e uma gramática não tão distinta, revelam-nos, também, a presença de um narrador e de personagens que figuram dentro de sua análise. Contudo, cada um, na presença do mesmo objeto, ou seja, o homem, apresenta diferentes maneiras de descrevê-lo ou de abordá-lo. A literatura, sem mais nem menos, reflete o espectador e a história busca refletir a vida.

A partir dos anos de 1980, a disciplina histórica passou a incorporar abordagens originadas de um novo movimento conhecido como Nova História, estreitando, então, o estudo dos movimentos sociais e as reflexões oriundas da História Cultural. Além disso, as grandes estruturas econômicas, amplamente analisadas anteriormente, deram lugar a um resgate do indivíduo comum e de seus costumes. Houve, destarte, uma afirmação do homem como sujeito da história e o registro biográfico passou a ser uma fonte de pesquisa essencial ao historiador. Além disso, representou uma nova forma de contar sobre a vida dos outros e de si mesmo. Acima da história, colocou-se a importância da lembrança de pessoas simples e dos esquecimentos que lhes eram destinados. Sob o esquecimento e a lembrança, o historiador descobriu a possibilidade da própria vida. Nesse sentido,

[...] escrever a vida é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender. Todas as gerações aceitaram a aposta biográfica. Cada qual mobilizou o conjunto de instrumentos que tinha à

disposição. Todavia, escrevem-se sem cessar as mesmas vidas, realçam-se as mesmas figuras, pois lacunas documentais, novas perguntas e esclarecimentos novos surgem a todo instante. (DOSSE, 2009, p.11).

Assim como pontuou o pensador Walter Benjamin (1984), o historiador passou a ser aquele que promove, antes de tudo, uma reinvenção da continuidade ou da temporalidade dada às dissímeis épocas, distinguindo através da vida do indivíduo momentos que são capazes de lançar luz sobre todo um período. Realçar as mesmas figuras, ao longo dos anos, é na verdade recuperar o presente e dar nova existência ao passado, para que esse tome novos contornos e ganhe outras possibilidades àquelas já pontuadas. Jacques Le Goff (2001), sob essa perspectiva e numa acurada crítica a escrita da vida dos santos, escreve a obra *São Francisco de Assis*.

“Meio religioso, meio leigo, nas cidades em pleno desenvolvimento, nas estradas e no retiro solitário, no florescimento da civilização urbana combinado com uma nova prática de pobreza, da humildade e da palavra, à margem da Igreja” (LE GOFF, 2001, p.9), São Francisco de Assis, que viveu no “coração da virada” decisiva do século XII para o XIII, cativou Jacques Le Goff não só por ser uma personagem histórica a quem foi destinada muitas biografias, mas por ser também o criador de uma ideia de humanidade, presente na religião, na literatura e na arte de forma geral. Do jovem Assis, um ímpio que se deleitava com os prazeres carnais da vida, ao fervoroso seguidor de Cristo, chegamos a uma figura que nos leva a entender que muitos aspectos concernentes à nascente modernidade misturavam-se com características do homem medieval. Entre o sagrado e o profano, o herético e o santificado, o medieval e moderno, deparamo-nos com abordagens que, respaldadas na escrita dos santos, a hagiografia, visou legitimar maniqueísmos e dicotomias que amparam todo o discurso de fidelidade aos ensinamentos e princípios da Igreja Católica.

Antes de tudo, Le Goff aborda, através das principais biografias de Assis, como o seguidor de Cristo tornou-se, no imaginário popular, o seu maior representante; uma das figuras mais significativas de seu tempo, ele foi o primeiro homem, segundo a Igreja, a receber os estigmas de Jesus e, ao mesmo tempo, a propor ideias reacionárias que iam de encontro com a própria instituição católica, a exemplo a sua mendicância. Para tal, o historiador francês, ao revisar outras hagiografias e os escritos de São Francisco, conhecidos como regras da formação da ordem franciscana, questiona-se sobre a grafia fantasista e tendenciosa que foram determinadas para compor a imagem da humildade e da caridade de Assis. Nesse sentido,

notamos que, assim como na antiguidade, as biografias, durante o período medieval, não deixaram de eleger seus heróis, dando aos santos um novo gênero, o hagiográfico. Na verdade:

O que recuperamos da vida dos heróis antigos no discurso hagiográfico é o discurso das virtudes, mas em sua versão maravilhosa, miraculosa, que depende de uma lógica alheia a este mundo. A hagiografia pressupõe o desaparecimento do santo e uma construção singular dos testemunhos de sua vida, com a ideia de mostrar que a própria lógica de sua existência sempre foi orientada pela intenção de sacrificar-se pelos semelhantes. O caráter exemplar que prevalece tem por efeito congelar o tempo num retrato: “A vida se dilui em proveito da figura”. (DOSSE, 2009, p.139).

Da mesma forma, Le Goff, por meio de sua obra, demonstra-nos como São Francisco de Assis, a partir de hagiografias de religiosos como Tomás de Celano e São Boa Ventura, escritas ainda no século XIII, tem seus seguidores como testemunhos de uma vida de doação e de igualdade, anulando, muitas vezes, traços de sua existência em prol do sacrifício ao outro. Nesse sentido, a partir de muitas hagiografias sobre o criador da ordem franciscana, notamos que “São Francisco inspirou desde cedo uma literatura na qual lenda e história, realidade e ficção, poesia e verdade estão intimamente ligadas.” (LE GOFF, 2001, p.58).

Tanto na biografia como na hagiografia, notamos que autor, narrador e personagem são explorados de forma intensa, não apresentando graus de importância diferenciados. Isso leva-nos a um questionamento sobre o próprio papel do historiador, que mesmo tendo na sua disciplina a vida dos outros como ponto central, carrega em si um fazer que lhe é próprio e dependente da ficção. Assim como o gênero biográfico, os escritos sobre os santos ficcionalizam aspectos do humano, que se tornam inalcançáveis, mesmo diante do efeito do vivido imposto aos homens, quando tratados no óculo do historiador. Dessa forma, história e ficção, biografia e hagiografia, constroem-se sob a égide de um mesmo legado: a linguagem. Sabemos, contudo, que:

A linguagem nunca pode dizer o mundo, pois ao dizê-lo está criando um outro mundo, um mundo em segundo grau, regido por leis próprias, que são as da própria linguagem [...] A linguagem literária nunca aponta o mundo, aponta a si própria [...] O escritor concebe a literatura como fim, o mundo lha devolve com o meio, e é nessa decepção infinita que o escritor reencontra o mundo, um mundo estranho, aliás, já que a literatura o representa como uma pergunta, nunca, definitivamente, como uma resposta. (BARTHES, 1970, p.28).

A disciplina histórica, assim como a literatura, encontra, seja no campo teórico ou mesmo no metodológico, a mesma decepção infinita que enfrenta o escritor. O historiador, ao escrever sobre tempos e pessoas diferentes, reencontra, à luz do seu presente, novos mundos, que são estranhos quando analisados sob o viés de autores precedentes. Se durante o século XIX, sob os auspícios dos positivistas, os estudos históricos buscavam respostas definitivas para o meio social que pretendiam exteriorizar, hoje representam mais perguntas do que certezas ou verdades já delimitadas. Assim, como salientou Roger Chartier, ao comentar a relação entre a história e a literatura, pautando-se dos estudos do pensador francês Paul Ricoeur,

[...] estamos obrigados a considerar que a história é escrita e que, portanto, ao ser escrita, utiliza os mesmos procedimentos e as mesmas figuras que a ficção. [...] Devemos, pois, considerar, ao mesmo tempo, a história como escrita, compartilhando com a ficção seus procedimentos narrativos, e como a representação de um passado que já não é, mas que foi. E a partir disto, surge a necessidade de uma nova definição da objetividade, de uma definição que segundo Paul Ricoeur se dá como um realismo crítico do conhecimento histórico. (CHARTIER, 2001, p.165).

Além de compartilhar dos mesmos procedimentos narrativos, o biógrafo, assim como o historiador, utiliza-se da imaginação para preencher insuficiências documentais, que deixam lacunas descritivas da vida de determinado sujeito. Le Goff, quando se refere a esse problema biográfico, especificamente em relação à documentação sobre São Francisco, demonstra-nos que esse anseio de tornar transparentes todos os contornos do sujeito, definindo-o com total clareza, fez com que muitas obras, anteriores a sua, tornassem a figura de Assis inacessível; o homem foi concebido apenas pelos viés da santificação, tornando-se completo pelo enunciado do sagrado e esvaindo-se de todo seu caráter de humanidade, por exemplo sua juventude que fugia às regras do âmbito religioso. Dessa maneira, as abordagens de sua vida por vezes quedaram por fontes que consideraram sua trajetória e a formação da ordem sob o rigor do catolicismo e por algumas vezes os meios franciscanos foram tratados de forma mais moderada. Desde o seu nascimento até sua morte temos versões que tangem essa duas posturas.

No nascimento de São Francisco, sua mãe batizou-lhe com o nome do santo do deserto, João Batista. No entanto, a troca do prenome veio pela paixão que o menino tinha pela língua francesa e pela insistência do pai que, retornando da França, demonstrou maior apreço pelo nome Francisco. O sobrenome *Assis* foi acrescentado pelos seus seguidores, anos mais tarde, em

referência a sua cidade natal, localizada no flanco ocidental do Monte Subásio, na região da Umbria, província de Perugia, na Itália.

Na adolescência gozou “do divertimento do seu tempo, nada mais: nos jogos, no ócio, nos bate-papos, nas canções, e em matéria de roupas andava sempre na moda. Talvez tentasse eclipsar seus companheiros tentando ser o cabeça do que se chamou com grande exagero de *jeunesse dorée de Assis*”. (LE GOFF, 2001, p.59). O gosto pela poesia lhe revelava uma alegria quase profana e o seu ardor pelo militarismo, pela vida “cavaleirosa”, quando em combate aos alemães, em 1200, que pretendiam tomar as cercanias da cidade, trar-lhe-ia a capacidade para resistir, mais tarde, a quaisquer provações. Após o conflito, ao ajudar na reconstrução da cidade, encontra uma de suas mais conhecidas artes, ou seja, a sua profissão de pedreiro, quando ajuda na reconstrução da capela de San Damiano.

Poucos dias após o combate, numa algazarra que fazia com seus companheiros, teria sentido a presença divina e, dessa maneira, segundo seus primeiros hagiógrafos, desinteressou-se pelos seus hábitos que deturpavam a finalidade religiosa; a preocupação pelos necessitados acossou seus antigos modos, demonstrando-lhe que a crença na vida cristã estava alicerçada na caridade. Ao invés de preparar-se para o matrimônio, como acontecia com a maioria dos jovens, refugiou-se, como demonstra um dos seus principais hagiógrafos, Tomás de Celano, em uma caverna com o objetivo de meditar. Seu maior intento era alcançar a sabedoria religiosa e poder divulgá-la aos mais leigos e carentes. O conhecimento e o apreço pela erudição, observados em seus escritos, perseguiram toda sua vida, marcando uma ambiguidade essencial, segundo Le Goff:

[...] qual a relação entre a pobreza e o saber? O saber não é uma riqueza, uma fonte de dominação e de desigualdade? Os livros não são um desses bens temporais que devem ser recusados? Diante do avanço intelectual, do movimento universitário que logo conquistará os *leaders* franciscanos, Francisco hesita. Mas, de um modo geral, pode-se perguntar se, quando morre, Francisco pensa ter fundado a última comunidade monástica ou a primeira fraternidade moderna. (LE GOFF, 2001, p.39).

Os livros, pelos quais tinha ampla adoração, foram na verdade os instrumentos que lhe possibilitaram escrever as regras que solidificariam a ordem franciscana. Quiçá, tenha sido a diversidade das leituras que levou a comunidade de Assis a ser não só um movimento fechado, monástico, mas sim uma consociação capaz de revelar aspectos e traços que tangem o homem

moderno, seja na pregação, na doação, ou mesmo na reflexão cristã. A mendicância e o trabalho caminhavam juntos, pois a primeira levava à pobreza sofrida enquanto o segundo referia-se ao ato de trabalhar com as palavras, orientando e levando os ensinamentos de Cristo.

Muitas vezes, Assis, com a palavra sagrada em mãos, aparecia no centro da cidade e nos seus enlevos religiosos pregava com tamanho ímpeto, que era ridicularizado tanto pelos seus antigos amigos como pela sociedade em geral. Ainda sob a pena daquele que consagrou sua história de vida, Tomás de Celano, temos registros do contato de Assis com os proscritos da sociedade, os leprosos da época. Sem hesitar, em um dia que passeava pelos campos e ao adentrar em um lugar obscuro, perfilado por um pequeno feixe de luz, ouviu a aproximação dos leprosos, marcada pelo tilintar dos sinos que tinha por obrigação usarem. De repente, se viu diante de um deles. Notando o frio que aquele homem doente sentia, forneceu-lhe as suas vestes e beijou sua tez. As lágrimas, ao ver a gratidão do enfermo, percorreram-lhe o rosto e, a partir daquele dia, assumiu a ajuda ao outro como um dos pontos centrais de sua filosofia.

Mesmo ao biógrafo versado em letras ou ao biógrafo historiador, cabe, como visto acima, muitas vezes, à sua narrativa, esse tom de admiração ou de cumplicidade com as passagens da vida do santo. O historiador questiona-se sobre a verossimilhança dos acontecimentos, mas antes de tudo ele observa a importância que a imagem criada a partir dos atos e da própria vida de São Francisco tem no imaginário dos homens, seja como um instrumento religioso para a legitimidade dos santos católicos, seja por fazer parte do dia-a-dia de pessoas comuns, influenciando-as.

Apesar do caráter de humildade e do culto à pobreza presentes na vida de Assis, é importante lembrar que ele fazia parte de uma família abastada e que, na maior parte das vezes, a construção da imagem de um santo, efetuada a partir de elementos semânticos, como o beijo destinado aos leprosos, o canto dos pássaros que lhe seguiam, o despir de suas roupas que representou a abnegação dos bens materiais, efetua-se, primeiramente, a partir de uma posição social privilegiada, que coadune as sugestões hierárquicas da própria igreja. Em outras palavras,

[...] para indicar no herói a fonte divina de sua ação e da heroicidade de suas virtudes, a vida de santo, frequentemente, lhe dá uma origem nobre. O sangue é a metáfora da graça. Daí a necessidade das genealogias. A santificação dos príncipes e o enobrecimento dos santos estão em simetria, de texto para texto: estas operações recíprocas instauram em hierarquia social uma exemplaridade

religiosa, e sacralizam uma ordem estabelecida [...] (CERTEAU, 2006, p. 272-273).

Parece-me por demais fecundo assinalar que a canonização de São Francisco de Assis e a de muitos outros santos estão em simetria com um grau de nobreza considerável. Mesmo que o patrono dos animais e do meio ambiente tenha pregado por meio da pobreza e da simplicidade, seu reconhecimento também foi possível, aos olhos da igreja, por ser ele alguém que não tangia as margens da miséria. Não obstante, negar os bens que o pai possuía representou uma forma de provação e juntamente com a pregação em lugares longínquos, quase inóspitos, uma mudança decisiva em suas atitudes anteriores.

Contudo, o grande episódio da vida de São Francisco, ou seja, sua real conversão, acontece após o beijo dado nos leprosos, da caridade para aqueles que mais sofrem. “Mas e depois? É em San Damiano que ele faz perguntas a Deus. E, um dia, Deus lhe responde. O crucifixo – essa pintura em que se encarna uma nova devoção ao Cristo sofredor e que está conservada hoje em Santa Chiara – fala a ele”. (LE GOFF, 2001, p. 67-68) A voz chamou a sua atenção para a decadência daquela Igreja, instando-o para que a reformasse. Prontamente, retornou até sua casa, na qual tomou os tecidos mais caros de seu pai, vendeu-os por preço mais baixo e doou todo o dinheiro ao pároco de San Damiano.

O pai, quando sentiu falta de seus tecidos, enfureceu-se contra o jovem e saiu a sua procura. Por esse motivo, Assis escondeu-se em um celeiro por longos dias. Quando acusado de preguiçoso e desocupado, pois ali se mantinha com a ajuda de um amigo que lhe levava comida, decide apresentar-se a todos como servo do senhor. Em polvorosa, a multidão apedrejou-o e divertiu-se, dizendo ser ele um louco. O pai, ao saber do acontecido, trouxe-o novamente para casa, prendendo-o no porão. Liberto, por compaixão da mãe, Francisco busca amparo e alento junto ao bispo daquela paróquia. Diante do reverendo e de seu pai, que o seguira até a catedral, despe-se e deposita suas roupas mais finas sobre os pés de seu progenitor, negando, assim, toda sua herança e renunciando ao conforto que lhe era dado. O bispo enxergou naquele ato nobreza e dedicação aos ensinamentos de Cristo, abençoando-o para que partisse e pregasse a palavra.

Tanto na obra de Le Goff como nas passagens descritas acima, notamos a distinção clara que existe entre o ato de viver e a maneira pela qual narramos a vida de alguém. Mesmo que esses termos – narrar e viver – não obedeçam a uma precisão clara quanto aos seus significados mais usuais, sabemos que o ato de narrar, como fazer linguístico, não foge à



experimentação humana. Mesmo que não seja fidedigna, a narrativa não deixa, dessa forma, de ser um reflexo das experiências e dos costumes humanos. É nesse ponto que a disciplina histórica aproxima-se da literatura, pois ambas

[...] são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam. Mas, dito isso, que parece aproximar os discursos, onde está a diferença? [...] A literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas. No enunciado célebre de Aristóteles, em sua “Poética”, ela é o discurso sobre o que poderia ter acontecido, ficando a história como a narrativa dos fatos verídicos. Mas o que vemos hoje, nesta nossa contemporaneidade, são historiadores que trabalham com o imaginário e que discutem não só o uso da literatura como acesso privilegiado ao passado – logo, tomando o não-acontecido para recuperar o que aconteceu! – como colocam em pauta a discussão do próprio caráter da história como uma forma de literatura, ou seja, como narrativa portadora de ficção. (PESAVENTO, 2006, p. 3-4).

A partir das hagiografias de São Francisco de Assis e da biografia realizada por Jacques Le Goff, notamos a importância dada ao imaginário na tarefa de um historiador. Na verdade, ele funciona como um atributo próprio das experiências humanas, originado a partir de ideias e imagens que nos permitem apreender a nossa realidade: “a racional e conceitual, que forma o conhecimento científico, e a das sensibilidades e emoções, que correspondem ao conhecimento sensível”. (PESAVENTO, 2006. P.2) Ainda mais, a vida de São Francisco, a partir da obra de Le Goff, permite-nos questionar, a partir do imaginário da época e do nosso, a diferença entre a biografia do historiador e a biografia de um literato ou mesmo de um jornalista, bem comum em nossos dias.

Caso notemos a importância imputada às fontes e aos documentos pesquisados por Le Goff, bem como a maneira que ele os questiona e os analisa, chegaremos à conclusão de que o historiador não tem o poder total de criação como os artistas. Ele, na verdade, não inventa personagens nem mesmo os fatos que envolvem determinado sujeito. Sem mais nem menos, ele os descobre, tira-os de sua “invisibilidade”, imprimindo aos acontecimentos o seu ofício, que é interpretá-los segundo um método e verbalizá-los numa escrita que é própria da sua disciplina e do seu tempo. Dessa forma, diante da conversão de São Francisco, a exemplo, importa a Le Goff o tema e os episódios que marcaram sua vida, pois eles são capazes de fornecer importância histórica àquela época e ao indivíduo em si. Mas e os milagres e o ideário espiritual? Esses

ganham, por outro lado, importância na análise do imaginário da época, mas não levam à narrativa histórica um caráter de veracidade. São reflexos da distância que há entre algo que foi possivelmente vivido e algo narrado ou interpretado pelo historiador.

Dito de outro modo, a interpretação histórica é compreendida como uma mediação entre o viver e o dizer. Mesmo diante da história em curso, aqueles que se debruçam para descrevê-la encontram em seu texto um distanciamento entre o que pensam que foi experimentado e o que é narrado. Daí decorre, de forma natural, que toda análise historiográfica ou toda biografia sobre determinado indivíduo, dificilmente marca o que realmente aconteceu, sendo apenas uma forma de enxergar o ser no mundo revelado por aspectos linguísticos. Para tal, deve haver uma unidade de sentido que dê validade semântica ao que é narrado, transmitindo aos leitores, que se deparam com obras de historiadores, uma sensação de verossimilhança e não de veracidade. Dessa forma, assume-se que diferentes pontos de vista podem ser relatados e que a aproximação com o real é o maior objeto de busca de um historiador.

Há então um deslocamento do plano lógico, racional e objetivo, para o plano perceptivo, plausível de muitas significações. Isso pode ser claramente notado na obra de Jacques Le Goff, quando ele nos apresenta, como afere Certeau, distintas figurações semânticas da vida de Assis. Possibilidades interpretativas que estendem os significados da obra. Primeiro, observamos a “doença” nos olhos e a afecção no sistema digestivo que lhe acompanharam por toda sua trajetória, agravando ainda mais as dificuldades enfrentadas. O “corpo” figura como um dos elementos mais constante, “sendo a fonte e o instrumento do pecado. Portanto, a esse respeito é o próprio inimigo do homem [...] é em definitivo, como todas as criaturas, “irmão corpo”, e “nossas irmãs”, as doenças são ocasiões indispensáveis para a salvação”. (LE GOFF, 2001: 63) Outro elemento significativo recai sobre a “sabedoria”, que leva São Francisco ao encontro de sua “esposa”, ou seja, a vida religiosa. Já os “estigmas”, os sinais sagrados recebidos de Deus, são materializações simbólicas que solidificam ainda mais a narrativa do santo. Poderíamos citar distintos exemplos, como a sua relação com o meio ambiente, a sua relação de amizade com Santa Clara, por quem guarda imenso apreço, destinando-lhe ensinamentos e uma amizade que marcaria a vida de ambos.

Pensar nessa simbologia, que nos é apresentada ao longo do livro numa espécie de fragmentos (a cidade, a casa, a igreja, os escritos, as provações, os martírios), é também uma forma de quebrar a noção de universalidade que, durante muito tempo, obsedou os caminhos

historiográficos, dando às narrativas aspectos lineares e reduzindo, então, as múltiplas vivências de um ser a um único sentido, a exemplo São Francisco visto apenas pelos viés da canonização.

A partir de todos esses elementos e apontamentos, Le Goff demonstra-nos como o patrono do meio ambiente tornou-se a figura que mais se aproxima da imagem de Jesus Cristo. Como nos demonstra Le Goff:

Francisco alcança os últimos gestos da imitação de Cristo dos quais, antecipadamente, recebeu, através dos estigmas, a marca final. A 2 de outubro, reproduz a ceia. Benze e parte o pão e o distribui a seus irmãos. No dia seguinte, 3 de outubro de 1226, recita o Cântico do Irmão Sol, lê a Paixão no Evangelho de João e pede que o depositem na terra sobre um cilício coberto de cinzas. Nesse momento um dos irmãos vê de repente sua alma, como uma estrela, subir direto ao céu. Tinha quarenta e cinco ou quarenta e seis anos. (LE GOFF, 2001, p. 91).

Ainda mais, ressalta como a criação da ordem franciscana, a partir de seus escritos, e de suas reivindicações junto ao papado, ressaltaram a modernidade de São Francisco, visto por muitos historiadores, do fim do século XIX e até do século XX, como um dos primeiros a iniciar o movimento do Renascimento e, então, do mundo moderno. Para muitos, Assis foi o redentor do descaso enfrentado pela Itália e pelo Cristianismo. A piedade, a serenidade alegre, a sua familiaridade dissiparam, pelos seus exemplos, a importância do Cristianismo e assinalaram ainda mais o aspecto de humanidade que deveria estar presente em todos os meios sociais.

Através da narrativa de Le Goff, podemos notar que as estratégias de argumentação da narrativa do historiador, com o intuito de resgatar uma temporalidade que excede a experiência do vivido, por ter métodos próprios, estão sempre vinculadas as suas fontes, a sua bibliografia, as citações e notas de rodapé, ao lugar do qual se escreve e ao tempo que lhe imprime maneiras de descrição diferenciadas. Dessa maneira, como já ressaltado, enquanto o literato reflete o espectador e um mundo criado para incluí-lo e despertá-lo para o gosto da narrativa, para a sua engenhosidade, o historiador tende a refletir sobre os efeitos do vivido, o que poderia ter sido, ou seja, o verossímil. A literatura está para a história, então, como fonte privilegiada e como um modelo de escrita, mas acima dela – da arte literária – está a preocupação com a proximidade com o real, um real reescrito quer seja numa espécie de “ficção controlada”, quer seja na possibilidade do futuro do pretérito ou do pretérito imperfeito.

Não obstante, quando ao final de nossos trabalhos e narrativas, nossos trabalhos ganham um aspecto coeso e aproximam-se do romance é:

[...] porque escondemos as costuras, os chuleados, os nós e as laçadas que precisamos realizar e, como numa linda blusa de tricô, precisamos esconder e disfarçar no seu avesso. Tecer, como narrar, é relacionar, pôr em contato, entrelaçar linhas de diferentes cores, eventos de diferentes características, para que se tenha um desenho bem ordenado no final. Este trabalho de tecitura é, no entanto, obra da mão de quem tece, da imaginação e habilidade de quem narra. Não podemos pensar que a História escreve a si mesma, que os fatos se impõem ao historiador, que se impõem como evidência. Pensar assim seria pensar a possibilidade de o bordado fazer-se a si mesmo. Todavia, também não podemos achar que se pode tecer sem linha ou agulha, que somente a concepção da blusa que estava ideada pela cabeça brilhante da bordadeira realiza a própria blusa. Não podemos escrever a história sem documentos, nem sem as ferramentas que a cultura historiográfica nos proporciona, inclusive os conceitos. Tecer, costurar, bordar, escrever como qualquer evento humano, por mais comezinho que seja, põe em relação a matéria e a ideia, a concepção ideal e o trabalho, a mão e a cabeça, o projeto e a ação. (ALBUQUERQUE, 2007, p.34).

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE Jr. D. M. **História : A Arte de Inventar o Passado**. Ensaios de Teoria da História. São Paulo: EDUSC, 2007.
- BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história** Cadernos, São Paulo: Braziliense, 2011.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História**. São Paulo: Artmed, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A história hoje: dúvidas, desafios, propostas**. Estudos históricos. Rio de Janeiro: vol.7 (13), 1994.
- DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- DUBOIS, J. et al. (1978) **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- FURET, François. **A Oficina da História**. Lisboa: Guadiva, 1985.

GAY, Peter. **O estilo na história:** Gibbon, Ranke, Macaulau, Burckhardt. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis.** Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, História & literatura: uma *velha-nova* história, **Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates, 2006.** [En línea]. Puesto en línea el 28 enero 2006. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Consultado el 15 diciembre 2011.